Ano VIII — Lisboa, Junho de 1952 — N.º 86

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Escotismo — Exercício de aptidões e de virtudes



O Fundador do Escotismo teve a felicidade de sintetizar em algumas curtas frases, sem perda de clareza, os objectivos e métodos do Movimento. Uma destas frases, verdadeira síntese de toda a acção escotista, diz: — «O Escotismo é uma alegre fraternidade, mesmo muito alegre. A tarefa do Escoteiro-Chefe, que é verdadeiramente interessante, consiste em descobrir em cada rapaz e fazer sobressair o que nele há, para fortalecer e desenvolver o que é bom e excluir o que é mau. Há cinco por cento de bom no pior carácter e a tarefa consiste em o descobrir e desenvolver até uma proporção de 80 ou 90 por cento».

Ora aquilo que o rapaz tem de bom, são as suas aptidões e as suas virtudes, estas que constituem o seu carácter. Como B.-P. também expressa «o fim do Escotismo é tornar o rapaz individualmente eficiente, tanto moral como fisicamente, a fim de utilizar esta eficiência no serviço do próximo.» A eficiência conquista-se através do desenvolvimento das aptidões.

As aptidões são o conjunto de caracteres que dão a possibilidade do indivíduo agir, de realizar um trabalho, de aprender uma língua, um ofício, de aplicar os próprios conhecimentos a uma actividade eficiente.

As aptidões podem ser hereditárias ou adquiridas, e o seu desenvolvimento ou potencial difere de indivíduo para indivíduo. A educação escotista interessa-se particularmente pelo seu desenvolvimento. Sejam elas sensoriais: a visão, a audição, o olfacto, o tacto e até mesmo o paladar; sejam motoras: força, tenacidade, destreza; sejam intelectuais: atenção, memória, imaginação, a própria inteligência, aptidão por excelência. Por todas o escotismo se interessa.

O próprio carácter, na autorizada opinião do psicólogo francês Dr. Binois, é uma verdadeira aptidão. Diz ele: «A energia e a vontade podem suplantar numa certa medida, a insuficiência de uma aptidão. É agradável recordar que Demóstenes, o grande orador ateniense, tinha dificuldade de palavra. Por outro lado — continua ele — aptidões médias ou superiores podem ser ineficazes por falta de carácter, instabilidade, versatilidade, desconfiança, falta de confiança em si próprio».

Encontramos aqui a explicação para o facto de tantos homens, embora possuindo instrução superior, não conseguirem vencer na vida. Encheram-lhes o intelecto de fórmulas e noções, obrigaram-nos a decorar páginas de literatura, filosofia, ensinaram-lhes línguas, mas não cuidaram de desenvolver-lhes as aptidões. São diplomados com altas habilitações, mas não triunfam na sua profissão porque outros, com o mesmo saber mas mais hábeis, com maior espírito de iniciativa, mais tenazes, mais activos, com maior poder de atenção e concentração, melhor memória, lhes tomam a dianteira e, na dura competição da vida, os vencem e os relegam para posições medíocres e secundárias.

Por isso o Escotismo se esforça por formar a personalidade do rapaz pelo desenvolvimento máximo de suas aptidões, valorizando ao mesmo tempo os traços mais importantes do carácter, porque este torna úteis todas as aptidões. Como o Fundador do Escotismo afirma «para o bom êxito de um homem na vida, o carácter é mais essencial que a erudição. O carácter é de uma importância primordial para uma nação e e para um indivíduo».

(Conclui na 2.ª página)

PALESTRAS COM OS GUIAS

Espírito de Patrulha

Venho responder, meu caro Guia, à consulta que quiseste fazer-me na tua carta. Desejo também felicitar-te por teres tomado a iniciativa de perguntar aquilo sobre o que estavas mal esclarecido. Se assim procederes sempre, não só mostrarás desejo de saber, como conseguirás alcançar os teus objectivos.

Dizias tu que encontras dificuldade em aplicar o programa escotista à tua Patrulha, apesar de estares convencido que segues boa orientação. Pelo que referes, creio que falta à tua unidade «espírito de patrulha».

«O espírito de patrulha — diz Roland Philipps — é a disposição moral, a atmosfera especial, o ambiente que a patrulha desenvolve e cria entre os seus escoteiros». É este espírito que falta aos teus escoteiros. Eles precisam de ter a consciência de que pertecem a uma família e sentir-se unidos por um desejo comum de a fazer prosperar, de honrar o seu nome, através de uma acção intensa.

Precisam mais de saber que a Patrulha tem de prestigiar o Grupo a que pertence, estabelecendo um elo de amizade entre todas as patrulhas do mesmo e produzindo trabalho útil. O Grupo é o conjunto das patrulhas e só pelo engrandecimento destas o Grupo pode brilhar. Os teus escoteiros precisam de ter, portanto, a noção da sua responsabilidade.

Outra coisa que os teus companheiros precisam de saber, como parte desse mesmo «espírito», é que eles são os continuadores de uma obra por onde já passaram muitos outros rapazes. Pela Patrulha «Leão» muitos escoteiros trabalharam com afinco, esforçando-se para que ela fosse uma unidade sólida, verdadeira base do teu Grupo. Compete-lhes

(Conclui na 2.ª página)

Escotismo–Exercício de aptidões e de virtudes

(Conclusão da 1.ª página)

Mas as aptidões só se tornam verdadeiramente úteis quando se transformam em capacidades. E capacidade é o resultante de uma aptidão exercitada. Quantas mais vezes uma aptidão tiver oportunidade de se aplicar maior será a capacidade adquirida. A experiência é grande Escola. É através dela que se formam hábitos, que se conquista a eficiência. Para que o crescimento se efectue de forma natural e progressiva, é indispensável que a criança ou o adolescente participe em actividades, exerça trabalho, organize serviços, tome iniciativas, ensaie os primeiros passos na vida, vacilantes ao princípio, depois mais seguros, enriquecendo as suas aptidões através da experiência.

Gonzalo Báez Camargo, educador mexicano, é bastante claro quando afirma que «é necessário que nos convençamos de uma vez para sempre que o desenvolvimento da personalidade e da cultura espiritual do aluno não se obtém ùnicamente com pregações teóricas nem admoestações negativas, muito menos com a simples transmissão de conhecimentos acerca das virtudes do carácter e das excelências da religião. A Escola Dominicial tem que ser, num alto e profundo sentido, uma escola activa, um centro de actividades morais e espirituais adaptadas para todas as idades, de modo que todos possam participar nelas e deste modo elevar a sua experiência».

O Escotismo é essa Escola Activa que se oferece para completar a acção da Escola e da Igreja na sua actividade com os adolescentes e cooperar com a família na educação.

PALESTRAS COM OS GUIAS

(Conclusão da 1.ª página)

mànter a tradição, sustentando o moral da patrulha, para, quando chegar a hora, entregar a outros o honroso depósito que lhes foi confiado.

Para que o «espírito de patrulha» exista, é indispensável que entre todos os seus escoteiros exista um sentimento de abnegação que leve o rapaz a servir, a sentir-se solidário com todos os seus companheiros da «Leão», aplicando a divisa «um por todos e todos por um».

Depois, ser da «Leão» tem sérias responsabilidades. Precisamos de estudar os hábitos do «Rei da Selva». Sim, porque o leão é o rei da selva e cada um dos «leões» tem de ser um rei no teu grupo. Mas, nota, rei quer dizer principal, o que está acima de todos. Portanto, acima de todos em virtudes, em actividade, em dedicação, em solidariedade.

Se os «leões» são reis não se podem contentar em ser eternamente escoteiros de 3.ª ou 2.ª classe; têm antes de possuir no seu braço a insígnia de 1.ª classe e tantas insígnias de aptidão quantas forem possíveis. Porém, têm de ser reis no meio de um grupo onde as outras patrulhas também o querem ser. Será preciso muito esforço e não vai sobrar tempo para deambular preguiçosamente pelas esquinas do teu bairro ou gastar em questiúnculas.

O leão ataca sempre pela frente, é leal. O leão é nobre, não caça sem necessidade, é amigo da família, sacrifica-se pelos seus. A tua patrulha terá de ser assim, será este o seu espírito, o «espírito de patrulha», e isto depende em grande parte de ti, meu caro Guia; serás tu quem terá de ser o primeiro, quem dá o exemplo. Serás tu o melhor amigo de cada um dos teus companheiros e semearás assim a amizade, sem a qual não pode haver «espírito de patrulha».

BALU

Dr. Alfredo Tovar de Lemos

Na Embaixada de França realizou-se no dia 3 do corrente uma cerimónia, durante a qual o embaixador daquele país entregou ao Sr. Dr. Tovar de Lemos, presidente da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, as insígnias da Legião de Honra, com que o governo francês o agraciara.

Eduardo Faria

No cemitério do Alto de S. João realizou-se em 1 do corrente uma romagem à campa do tenente Eduardo Augusto Faria, falecido há um ano, que foi combatente da Grande Guerra, poeta e escritor, e um escoteiro muito dedicado do Grupo n.º 1, tendo conservado até ao fim da sua vida uma grande dedicação pelo Escotismo, sendo um amigo muito dedicado do «Sempre Pronto».

Às 10 horas, reuniu-se, à porta do cemitério, elevado número de pessoas, muitas das quais antigos combatentes ostentando insígnias e condecorações militares. Da União dos Inválidos de Guerra, de que o extinto foi um dos mais dedicados elementos, compareceram quase todos os seus associados. Entre muitas outras pessoas, viam-se os srs. almirante Afonso Cerqueira, coronéis Bento Roma e Campos Rego, dr. José Pontes e conde de Farrobo. Estiveram também representadas a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, a Escola-Oficina n.º 1 e o Círculo Artístico Morais Augusto. Depois de serem depostos ramos de flores sobre a campa, discursaram, para enaltecer a memória de Eduardo Faria, os srs. dr. Sá Vieira, pela União dos Inválidos de Guerra; Maia Alcoforado, dr. José Pontes e conde de Farrobo.

O Escotismo e os Serviços de Socorros

O Escotismo, parece necessário voltar a afirmar, não é um serviço de socorros. No antigo Regulamento Geral estava bem expresso este facto e proibia mesmo os escoteiros juniores de intervir em casos de incêndio ou outros de perigo público, deixando aos seniores a liberdade de o fazerem, mas sob sua inteira responsabilidade.

A boa acção não significa que o Escoteiro deva intervir em casos de perigo público. Queiramos nós exercer a boa acção, o espírito de serviço, e encontraremos todos os dias constantes oportunidades de servir, de ser úteis, de ajudar o nosso próximo, muitas vezes mesmo em circunstâncias difíceis, em que uma mão amiga é amparo precioso, sem necessidade de intervir em emergências para as quais há serviços adequados e homens experientes.

A propósito das recentes inundações ocorridas em Lisboa, chegaram à nossa redacção protestos pelo facto de terem aparecido escoteiros-juniores prestando socorros. Não temos confirmação deste facto, mas, se é verdade que escoteiros juniores desempenharam tais serviços sob a responsabilidade dos seus chefes, os protestos são muito justos, merecem o nosso reparo e a ponderação dos respectivos dirigentes.

Tais actos não prestigiam o Movimento e constituem um desvio das finalidades do Escotismo, levantando dificuldades ao recrutamento de aspirantes.

Se os escoteiros-seniores quiserem prestar socorros em casos de emergência, que o façam sob sua responsabilidade pessoal. Os escoteiros-juniores, porém, devem ser proibidos de o fazer. Felizmente que temos em Lisboa, Porto e noutras cidades bons corpos de bombeiros municipais e voluntários, em quem podemos confiar os serviços de socorros. Em casos de reconhecida necessidade, os nossos Seniores poderão coadjuvá-los oferecendo-lhes a sua colaboração. Mas os Juniores, esses não. Pratiquem a *boa acção* na escola auxiliando os seus companheiros no estudo, ajudem os velhos, os cegos, os enfermos com que se cruzam diàriamente nas ruas; prestem serviços em suas casas, ajudem os seus vizinhos doentes e terão prestado serviços preciosos e realizado uma obra magnífica. Temos ocasiões esplêndidas de espalhar felicidade em nossa volta, sem necessidade de nos imiscuirmos em serviços que não estão à altura das fracas possibilidades dos nossos escoteiros-juniores, nem são da nossa competência.

FIGUEIRA DA FOZ

A Reabertura do Grupo n.º 78 de Escoteiros de Portugal

Depois dos necessários trabalhos de reorganização, realizou este Grupo no passado Domingo, dia 1 do corrente, no salão social da Igreja Evangélica Figueirense, a cuja Igreja se encontra anexo, a sessão solene de reabertura das suas actividades.

Presidiu à cerimónia o pastor da Igreja, Sr. Dr. Francisco Cruz, tendo à sua direita o representante da Associação dos Escoteiros de Portugal, Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento; o representante da Comissão Organizadora da União Evangélica de Escoteiros de Portugal, Sr. Capitolino Ferreira Macedo; e os Chefes dos Grupos n.os 15, do Porto, e 91, de Gaia, respectivamente Srs. Vidal Vieira dos Santos e Arnaldo Eduardo Couto; e à sua esquerda os Srs. João Coelho, secretário da Comissão de Patrocínio; Evaristo Correia, pelo Consistório da Igreja; Capitão António Mendes, Alferes Manuel Dias, Sargento-Ajudante Arnaldo Sotto Mayor e Sargento Tiago Gil.

Após ter-se cantado o hino «Ó Jovens, acudi!» e da oração invocatória, o Sr. Dr. Francisco Cruz, agradeceu a presença de todos e manifestou a sua satisfação por ver o Grupo 78 novamente ao serviço do Escotismo e poder mais uma vez colaborar na Obra Escotista, pois já o tinha feito com um Grupo do C. N. E. Terminou com palavras de incitamento aos dirigentes e escoteiros do «78», sentindo-se reconhecido pelo esforço já dispensado aos trabalhos de reorganização.



EM CIMA — Os Escoteiros do Grupo n.º 78 com os Dirigentes do Norte e Sul que os visitaram.
EM BAIXO—Os mesmos com o Presidente do Grupo, Rev. Dr. Francisco Cruz; e as madrinhas dos novos Escoteiros.

Foi lido, pelo secretário Sr. João Coelho, o expediente recebido, no qual se viam várias cartas e telegramas de saudação e agradecimento pelos convites feitos, das autoridades militares, das organizações desportivas e outras da Figueira da Foz e bem assim de alguns Grupos de Escoteiros.

A seguir, o Sr. Capitolino Ferreira Macedo, fez uma palestra subordinada ao tema «O Escotismo e a Educação Cristã», em que procurou definir os objectivos destes dois sistemas de Educação, sendo escutado com interesse pela assistência, que enchia quase por completo o vasto salão. Este encontrava-se engalanado com as bandeiras dos Grupos n.os 10, 53 e 94, de Lisboa.

O pastor da Igreja fez a entrega do estandarte, que colocou no respectivo mastro, e, em seguida, procedeu-se ao Compromisso de Honra do chefe e seu ajudante, respectivamente Srs. Francisco Alberto da Silva Neves e Raul António Vaz Correia, que foi tomado pelo representante da A. E. P., que também fez entrega das respectivas insígnias.

O novo chefe do «78» leu a Ordem de Serviço n.º 1 e procedeu ao Compromisso de Honra dos primeiros seis escoteiros — João José Gonçalves de Barros, Vitorino Marques Coelho, António Evangelista, José Simões Bóia, Manuel Correia Marques e Jorge Luís Martins, tendo as suas madrinhas colocado os chapéus. Terminou este acto com a entrega das varas pelo chefe do Grupo.

Foram entregues, por vários membros da mesa, as pescadinhas aos guias e subguias das patrulhas «Leão» e «Águia», tendo o representante da A. E. P. colocado nas varas as respectivas bandeirolas.

O chefe Neves distribuiu os escalpes aos escoteiros, que nesse momento prestaram lealdade aos seus guias, e leu o auto de posse do instrutor do Grupo 78, do Sr. António Castro de Sotto Mayor, que o assinou e disse prometer fazer o possível por dar a melhor colaboração a este Grupo.

Usou a seguir da palavra o Sr. Clímaco do Nascimento que, em nome da A. E. P., saudou o novo Grupo, agradeceu a colaboração dada pela Igreja a esta nova unidade escotista, e manifestou o reconhecimento dos Serviços Centrais ao Sr. Raul Correia, pela ajuda que deu ao chefe do Grupo, até este ter satisfeito as provas regulamentares. Terminou com a leitura de uma saudação do Escoteiro-Chefe Geral.

O Sr. Capitolino Ferreira Macedo, em nome da Comissão Organizadora da U. E. E. P. e do «Sempre Pronto», saudou também o Grupo 78, congratulando-se pela sua reorganização, que constitui mais um passo na propagação do Escotismo Evangélico, prometendo a melhor colaboração das entidades que representava.

O Chefe Sr. Vidal Vieira dos Santos, em nome dos Grupos 15 e 91, dirigiu igualmente uma saudação muito especial aos escoteiros e dirigentes do Grupo da Figueira da Foz, dizendo que a partir desta data passavam a ser irmãos duas vezes: Antes na fé e agora no Escotismo.

Como representante do Consistório da Igreja Evangélica Figueirense, o Sr. Evaristo Correia usou da palavra para enaltecer o valor do Movimento Escotista, lembrando aos novos escoteiros que devem sempre sentir amor e abnegação pelo Ideal que escolheram e recordou, como incitamento, a palavra escrita numa das paredes da Bastilha — RESISTIR, — mostrando com isso que os escoteiros devem «resistir», mesmo com sacrifício, na luta contra o mal.

Em nome dos restantes membros da mesa, falou o Sr. Capitão António Mendes, que sublinhou a simpatia que lhe merece o Escotismo e formulou votos de bons progressos ao novo Grupo.

Por fim, a encerrar a sessão, o pastor da Igreja agradeceu as palavras proferidas e desejou as melhores venturas a todos os presentes e ao Escotismo português.

Os dirigentes vindos de Lisboa, do Porto e de Gaia, bem como o Subchefe e um guia de patrulha do Grupo 15, que acompanharam os chefes do Norte, cantaram a canção «Eh! lá!».

Cantou se o hino «O pendão real» e o pastor Dr. Francisco Cruz, proferiu a oração de encerramento, terminando, assim, mais uma bela jornada escotista, no meio da maior alegria de todos os assistentes.

O «Sempre Pronto», que esteve representado pelo seu Administrador, apresenta aos chefes e escoteiros do Grupo n.º 78 os melhores votos de longa vida na «senda» escotista.

Conferência Europeia de Escoteiros-Chefes Evangélicos

De 19 a 22 de Fevereiro último, em Genval, na Bélgica, sob os auspícios do Departamento de Juventude do Concílio Mundial das Igrejas, reuniu esta Conferência de Dirigentes Escotistas com representantes das associações escotistas de 12 países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Noruega, Suécia e Suíça.

Estiveram ainda presentes representantes da Igreja Ortodoxa em França, do Conselho Mundial das Uniões Cristãs da Mocidade, do Exército de Salvação e das *Girl Guides*. O Director da Repartição Internacional de Escotismo, Coronel J. S. Wilson, visitou a Conferência tendo feito uma palestra.

Sobre a presidência do Dr. R. C. Mackie, secretário Geral do Concílio Mundial das Igrejas, foram discutidos, num ambiente compreensivo, assuntos de grande interesse versando as relações entre o Escotismo e o Evangelismo e entre o Escotismo e as Igrejas. Entre os assuntos tratados figuram o «Escotismo como meio de evangelização», «Os fundamentos cristãos do Escotismo», «A lei do Escoteiro e a Promessa à luz do ensino cristão» e «A Igreja e o Escotismo».

A situação do mundo actual — o crescimento do materialismo e a secularização, são graves problemas — que enfrentam as Igrejas e o Escotismo, e há necessidade de uma maior cooperação entre eles para fazer face ao perigo. Reconheceu-se o valor, função e possibilidade do Escotismo em levar aos rapazes a influência do Evangelho de Jesus-Cristo.

O Escotismo Evangélico Português, que foi convidado para esta Conferência, enviou um expressivo ofício de saudações.

Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal

De 12 a 15 do próximo mês de Setembro deve realizar-se em Londres uma reunião internacional de Antigos Escoteiros.

A nossa Fraternal tenciona fazer-se representar na dita reunião, por qualquer dos seu membros, devendo os interessados escrever para a Rua de S. Paulo, 254, 1.º, pedindo informações sobre o assunto.

A secretaria da Fraternal, funciona todas as segundas-feiras das 21,30 às 23 horas, onde os interessados poderão também colher as suas informações.

"Escoteiro um dia, escoteiro toda a vida!"

O nosso estimado amigo Sr. Antero Nobre, antigo secretário geral da A. E. P., acaba de publicar em interessante opúsculo a palestra que sob este título fez em 1950 no Grupo 94 e que o nosso jornal publicou integralmente.

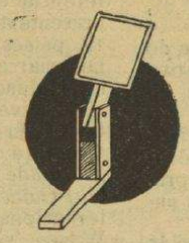
Esta iniciativa é mais uma manifestação do espírito escoteiro deste nosso Camarada, que bem prova que *escoteiro um dia, escoteiro toda a vida* ou *uma vez escoteiro, sempre escoteiro*.

TRANSMISSÕES

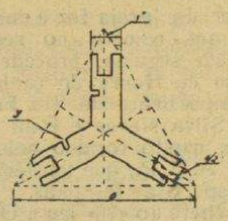
Vamos construir um heliógrafo

Um **heliógrafo** é um aparelho que serve para transmitir sinais ópticos por meio da reflexão dos raios solares. Trata-se de um aparelho muito preciso e estável que permite fazer transmissões de morse a uma dezena de quilómetros.

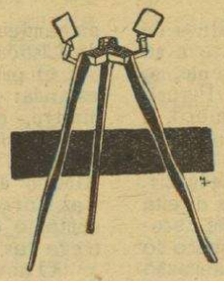
A tua Patrulha, meu caro Escoteiro, pode construir um heliógrafo simples, perfeito e prático, capaz de trazer uma grande novidade às nossas transmissões escoteiras, com uma despesa mínima.



A montagem dos braços dos espelhos



0m,15
1'=0m,025 1/2'=0m,125



O aparelho pronto

Para isso são necessários apenas os seguintes materiais:

Uma peça de madeira forte (se possível 7 folhas grudadas) de cerca de 15 cm2.

3 peças de madeira de 1m,00 × 0m,0125 × 0m,0125.

1 sarrafo de 0m,60 × 0m,003 × 0m,0125.

1 » » 0m,30 × 0m,0125 × 0m,006.

2 espelhos de 0m,0625 × 0m,050 aprox.

4 terminais de T. S. F.

3 parafusos de 1 1/2 com porca de orelhas.

2 barrinhas de latão de largura igual à dos espelhos mais 0m,0125

Alguns parafusos pequenos.

Como Construir

Fazer na tábua os cortes indicados no diagrama.

Colocar as 3 peças de 1m,00 nos respectivos dentéis, deixando-as com uma saliência de 0m,006 na parte superior. Isto torna-se necessário para evitar que as pernas se afastem demasiadamente quando o tripé estiver em uso.

As pernas são ligadas aos braços por meio de parafusos de aresta quadrada com porca, devendo esta ficar bem apertada.

A construção dos dois braços dos espelhos é idêntica. Entre duas tabuinhas de 0m,05 × 0m,003 coloca-se uma tira de 0m,075 × 0m,0125 como se vê na gravura. O sarrafo de 0m,0125 que serve de suporte do espelho deve poder girar no parafuso terminal. Uma pequena peça do sarrafo de 0m,0125 deve ser colocada na base do braço para permitir que seja aparafusada à barrinha horizontal que se projecta da mesa.

A barrinha horizontal deve ser de 0m,15 de comprido e de 0m,0125 de grossura aproximadamente. É fixada no pequeno rasgo (v. diagrama) por meio de um parafuso terminal e deve poder girar no seu ponto de apoio.

Para fixar os espelhos dobrar as pestanas de latão, de modo que elas agarrem os lados dos mesmos. Prender as barrinhas com um pequeno parafuso nos seus respectivos braços e colocar os espelhos.

Verifica-se assim que com os braços do espelho vertical e a barrinha horizontal ajustada, o aparelho poderá operar sucessivamente conforme seja a posição do sol.

Para transmitir

Para operar é preciso atender à direcção do Sol, que deve ser tanto quanto possível perpendicular ao eixo de transmissão.

Volta-se o espelho sinalizador na direcção desejada e depois ajusta-se o segundo, ou seja o espelho reflector, de forma tal que ele receba os raios do sol e os desvie para o espelho sinalizador. É preciso assegurarmo-nos de que estamos obtendo a máxima intensidade luminosa.

O aparelho poderá assim emitir um forte raio luminoso a fim de transmitir sinais de morse. Este raio deve ser interceptado pelo levantamento e abaixamento da mão aberta entre os dois espelhos.

Construído o primeiro heliógrafo e depois de ter verificado que ele funciona de forma a dar inteira satisfação, há que construir outro para poder haver transmissões entre os dois postos.

Eis uma ideia que o «Sempre Pronto» oferece aos seus leitores.

Gostaríamos de saber em breve que patrulhas de escoteiros, acampadas em locais separados por alguns quilómetros, estão em comunicação através de heliógrafos por si próprias construídos.

O SISTEMA DE PATRULHAS

Não há outro caminho certo do Sistema de Patrulhas. E só por este caminho chegaremos ao nosso objectivo. Urge que todos os nossos grupos adoptem esse sistema. Os Grupos numerosos, muito preocupados com a ordem unida, e onde tudo depende do Chefe, estão sendo mal orientados, estão fora do caminho certo. Mas o Grupo que, além de dividido em Patrulhas, faz da Patrulha a base da sua vida, e cujas Patrulhas vivem correctamente, mesmo quando o Chefe está ausente, estas estão no bom caminho. Para chegarmos porém a esse clima de perfeição, urge que o Chefe dê todo o seu cuidado à formação integral dos seus guias. E assim, o Chefe, em primeira instância, é o preparador dos HOMENS com os quais vai dividir a sua tarefa. Ensina-lhes as provas de 3.ª 2.ª e 1.ª classes. Fá-los Escoteiros da Pátria, se possível. Dá-les autoridade. Prestigia-os em toda a linha. Atribui-lhes responsabilidade. Confia-lhes a instrução das respectivas Patrulhas, onde eles transmitem o que aprenderam. Falas deles, comumente, com ênfase, dizendo: **Os meus Guias de Patrulha!** e realiza com eles o Conselho de Grupo, uma vez por mês, onde se planejam as actividades gerais, onde se aplanam as dificuldades, onde se punem as infracções, onde se promove e onde se traçam todos os planos, e onde se dividem os trabalhos, as responsabilidades e as honras. E os guias, por imitação, pelo exemplo, e pela convicção que adquirem, agem dentro das suas patrulhas, como o Chefe no grupo e no Conselho de Guias: Dividem o trabalho, atribuem responsabilidade, apertam os laços da solidariedade, estabelecem a confiança recíproca. Numa palavra: o Chefe dirige o grupo, mas, cada guia é que dirige a sua Patrulha.

GELMIREZ DE MELLO
Comissário Nacional da U. E. B.

VAMOS ORGANIZAR ALCATEIAS DE LOBITOS



Lamentàvelmente entre os Escoteiros de Portugal quase não existe hoje a Divisão Lobito. Só o activo Grupo n.º 6, em Olhão, consegue manter uma alcateia com carácter efectivo há alguns anos. Em Lisboa parece-nos que há dois grupos com Lobitos, mas não podemos apreciar realmente o seu valor porque num caso é de recente formação e no outro, embora mais antigo, não tem conseguido manter uma actividade regular.

Precisamos, porém, de fomentar o Movimento Lobito, estimulando e encorajando as Alcateias que já existam e fomentando a criação de novas unidades. O «Sempre Pronto» vai dedicar uma série de artigos a esta Divisão Escotista e pede a todos os Dirigentes interessados neste trabalho o favor de se lhe dirigirem dando sugestões, fazendo alvitres ou pedindo esclarecimentos sobre esta modalidade escotista.

Gostaríamos especialmente de entrar em contacto com antigos dirigentes de alcateias, que, certamente, através da sua experiência, poderiam ser auxiliares preciosos na campanha que queremos empreender a favor do Lobitismo em Portugal, actividade de grande valor na educação das crianças, cuja existência pode ser um factor de revigoramento do Escotismo.

São especialmente indicadas para a formação de Alcateias as associações que mantenham escolas e as Igrejas. Estas podem encontrar no ramo Lobito do Escotismo um óptimo auxiliar na formação educativa e mesmo religiosa das crianças. As Escolas Dominicais das igrejas evangélicas podem encontrar no trabalho lobito um excelente instrumento para o prosseguimento educativo e religioso da sua acção, podendo adaptar-se à própria Escola.

Gostaríamos muito que as Alcateias existentes, ou as que se viessem a fundar, nos escrevessem dando-nos notícias das suas actividades e informando-nos da vantagem, se a encontrarem, dos artigos que sobre o assunto passaremos a publicar.

O LOBITISMO E OS CHEFES DE ALCATEIA

Importa esclarecer o que é o Lobitismo, porque a má compreenção dos seus métodos e das suas finalidades tem feito naufragar quase todas as tentativas para o ressurgir. Na generalidade o Dirigente Escoteiro é mau Aquelá (chefe de alcateia). Habituado a dirigir escoteiros, é naturalmente inclinado a aplicar os mesmos métodos ao ramo lobito, resultando daí o fracasso. As alcateias devem funcionar inteiramente separadas dos Grupos, se possível mesmo em Sedes separadas. O Aquelá, homem ou senhora, mas de preferência uma senhora, dedicar-se-á sòmente ao ramo lobito.

O *Livro dos Lobinhos* e a *Caderneta do Lobito*, ambos de Baden-Powell, oferecem-nos todos os elementos para a nossa orientação. A notável educadora escotista britânica Vera C. Barclay, nos seus dois livros *Como se dirige uma Alcateia* e *O Lobitismo e a formação do carácter*, comenta com muita competência e grande experiência aqueles manuais do Fundador e esclarece-nos devidamente acerca dos métodos e objectivos do Lobitismo, revelando-nos ainda a natureza da criança. Destas obras nos socorreremos especialmente nos nossos trabalhos, recomendando-as como indispensáveis à Biblioteca do Aquelá.

Dizíamos nós que os Dirigentes de Escoteiros são maus Chefes de Lobitos, porque aplicam aqui os mesmos métodos daquela Divisão e os Lobitos têm de ser tratados segundo as suas características próprias. Diz-nos Vera Barclay que «a única maneira de educar verdadeiramente a criança, de tirar verdadeiramente todo o partido possível das suas magníficas qualidades, isto é, de as utilizar, é orientar a educação à maneira das crianças; encarar todas as coisas segundo o seu ponto de vista e servindo-nos dos seus motivos, dos seus raciocínios, das suas aptidões, e não das do professor ou do conselho de instrução pública, da mamã ou da criada, mas ter em conta as suas características mentais e físicas; notar as suas simpatias e as suas antipatias; ensaiar ajudá-los a conservar sempre esse espírito de criança, pois Nosso Senhor disse — *Aquele que se não fizer como uma criança não entrará no Reino dos Céus*».

(*Conclui na 6.ª página*)

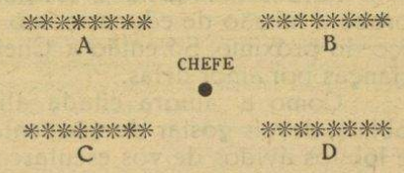
JOGOS

A corrida das varas

(para quatro patrulhas)

Associam-se duas patrulhas contra outras duas. Chamar-lhes-emos respectivamente patrulhas A, B, C, e D. Colocam-se A e B frente a frente, a uma distância de 20 metros uma da outra, com os escoteiros formados em fila indiana. As patrulhas C e D fazem o mesmo, paralelamente aos seus adversários e separadas deles por uma distância de pelo menos 5 metros.

O Chefe, ou o instrutor, coloca-se ao centro do paralelogramo assim formado. (As posições respectivas dos concorrentes são indicadas muito claramente na gravura abaixo).



O primeiro Escoteiro de cada uma das duas patrulhas, colocadas lado a lado, segura a vara. Ao sinal, dado pelo instrutor, os dois escoteiros correm o mais depressa que podem até ao Escoteiro da patrulha aliada que lhes faz face, entregam-lhe a vara e colocam-se no fim da fila.

O jogo continua até que todos os escoteiros tenham corrido, competindo ao último de cada campo levar a vara ao instrutor colocado no centro do jogo. Ganha evidentemente a patrulha que acabar primeiro.

As duas patrulhas ou equipas serão naturalmente de igual número de jogadores, e cada um deve ficar perfeitamente imóvel no seu lugar até ao momento em que recebe a vara.

Se se jogar ao ar livre, será bem mais divertido se os jogadores tiverem um obstáculo no caminho, seja uma fossa, uma barreira ou outra coisa.

O Almoço de Confraternização de Antigos Escoteiros

Mais de um mês depois da notícia publicada, chegou ao nosso poder uma carta do nosso amigo Sr. João Madeira Leitão pedindo-nos para esclarecer que a comissão que promoveu este almoço era constituída por «elementos da Fraternal dos Antigos Escoteiros do 2.º Grupo».

Fica o esclarecimento feito, para satisfação daquele amigo, embora, segundo os Estatutos aprovados, só exista uma única Fraternal, — Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal — e daquela Comissão tivesse feito parte pelo menos um elemento que nunca pertenceu ao «2».

VAMOS ORGANIZAR ALCATEIAS DE LOBITOS

(Conclusão da 5.ª página)

A primeira obrigação pois daquele que quiser ajudar a educação infantil será compreender a criança e colocar-se ao seu nível, interpretando a vida do seu ponto de vista. Ora a criança encara a vida como uma fantasia, uma sequência natural de histórias e contos maravilhosos cuja narrativa ela escuta com avidez. Sobretudo a vida é, para a natureza infantil, um jogo. Como a mesma autora afirma, «esse jogo não é uma certa forma de actividade à qual as crianças se entregam por intervalos; o jogo é o produto visível e concreto do seu estado de espírito habitual».

Para a criança o jogo é a própria finalidade da vida. Ela desempenhará todos os serviços de que a encarregarem se puder enquadrar esse trabalho no «seu jogo», na sua fantasia. As mães, com a sua intuição natural, aproveitam vantajosamente esse predicado da natureza infantil para que a criança tome os alimentos. Contam-lhe uma história em que cada colher de alimento é um avião, um barco, que ela engole embevecida na narrativa materna.

Outra característica infantil é a sua extrema sensibilidade. Ela sente profundamente todas as repreensões duras, os maus gestos, os tratos bruscos; mas é também muito sensível ao amor, à ordem, à Beleza. Se a Aquelá puser todo o seu carinho na direcção dos seus lobitos, estes sentirão o amor da sua chefe, nascerá a confiança, e o êxito da educação estará assegurado.

Para ser Aquelá é essencial que sinta amor pela criança, que se abrace a missão de educar como uma maneira de servir a Deus no serviço do próximo. Só então a Chefe estará disposta a nivelar-se com as crianças por amor delas.

Como a autora citada afirma «para ter êxito como Chefe de Lobitos, deveis gostar de vos sentardes no chão no meio de um tropel de lobitos ávidos de vos escutarem. Será preciso saber entusiasmar-vos a propósito do jogo do pião, do *Charlot*, do futebol e de mil coisas perfeitamente insignificantes. Deveis estar prontos a andar de gatas através das sebes ou sob arame farpado; estar pronto a rir por qualquer coisa a todo o tempo, e a ficar por vezes prodigiosamente sério e grave justamente no momento em que tendes uma famosa vontade de rir. Mas, para ter êxito na vossa tarefa, é necessário tomar isso a sério e *fazer o melhor possível*».

É esta maneira de agir no trabalho da Divisão Lobito. Antes de se organizar uma Alcateia é preciso primeiro descobrir o Dirigente, homem ou senhora, que saiba interpretar o pensamento da criança e viver com ela o «seu jogo». Mas só o conhecimento não é bastante. É necessário que tenha o desejo de auxiliar a criança na sua educação e queira, por isso, viver a vida da Alcateia, mas vivê-la à maneira dos seus lobitos, como Vera Barclay indica através da sua rica experiência.

Que possam surgir em Portugal dirigentes escotistas verdadeiramente vocacionados para o ramo Lobito, que queiram devotar-se à educação da criança portuguesa e realizar através da nossa Pátria uma obra de construção de caracteres, que erguerão a sociedade portuguesa ao nível educativo e social que todos aspiramos.

CAMPANHA PARA MAIS 100 ASSINATURAS

O alvo ainda está distante. Contudo vamos avançando graças à colaboração de alguns amigos e, estamos certos, outros nos darão ainda a sua colaboração para que as 100 novas assinaturas possam ser registadas.

Este mês registámos os seguintes assinantes:

Propostos pelo Sr. Henrique P. Soares, de Sintra, o Sr. José Lage de Vasconcellos Correia; pelo Sr. Sousa Martins, de Luanda, os srs. Raul Freire Paulino do Carmo e Francisco António dos Anjos; pelo Sr. Vidal Vieira dos Santos, do Porto, o sr. Alexandre Alberto Cabral de Magalhães; e directamente sr. Delfim Augusto Pereira.

No último número contámos 37 novas assinaturas. Com mais estas 7 totalizam 44. Esperamos atingir ainda este mês a meia centena, mas precisamos de auxílio. Escreva-nos ou telefone para 36607 ou 38849 e indique-nos nomes de possíveis assinantes. Cada assinante que propuser é uma prova de simpatia pelo «Sempre Pronto» e um estímulo para o nosso esforço.

Contamos com todos os nossos amigos.

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

CASAMENTO

Em 17 de Maio findo, efectuou-se auspicioso enlace matrimonial da S.ª D. Doris Graziela Lanz com o nosso caro amigo Sr. Alfredo Pereira Jardim, antigo escoteiro do Grupo n.º 13.

A noiva é gentil filha da Sr.ª D. Maria Emília Lanz e do nosso bom amigo Sr. Jean Lanz, sócio Honorário do Grupo n.º 94, muito dedicado ao Escotismo.



O noivo, que foi lobito e escoteiro no grupo referido, é filho da Sr. D. Odília Pereira Jardim e do Sr. Frederico Pereira Jardim, dois grandes amigos do nosso Movimento, e irmão do Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, ilustre presidente dos Escoteiros de Portugal.

O *Sempre Pronto* apresenta felicitações sinceras aos noivos, formulando votos de uma vida muito venturosa.

• • o • •

DR. ERNESTO MOREIRA

No hospital do Bombarral, foi prestada, no dia 31 de Maio findo, significativa homenagem ao corpo clínico daquele estabelecimento, particularmente ao nosso caro amigo Sr. Dr. Ernesto Moreira, antigo escoteiro do Grupo 1, por motivo de se ter efectuado a centésima operação cirúrgica.

O cirurgião do hospital é aquele nosso Irmão-Escoteiro e todas as cem operações foram executadas sem que tivesse havido qualquer caso fatal.

Sempre Pronto associa-se à homenagem prestada e felicita o Sr. Dr. Ernesto Moreira, enviando-lhe saudações amigas.

• • o • •

DE SINTRA

GRUPO N.º 93

No dia 18 de Maio, o grupo n.º 93 realizou um exercício nos arredores de Sintra para treino de patrulhas.

Os escoteiros saíram da sede às 8,30 horas da manhã, tendo seguido uma pista, levantado *croquis* e montado um acampamento. Efectuaram jogos e exercício de transmissões, regressando à sede ao fim da tarde.

O grupo 93 está elaborando um intenso programa de actividades para os próximos meses de verão.

Manifestava-se bem essa preocupação no cuidado que tinham de evitar as suas próprias faltas de modo a constituírem um bom exemplo dentro da patrulha. Por outro lado, sabiam perfeitamente servir-se da autoridade dos seus cargos para conseguir que a patrulha vivesse na harmonia e fosse realmente, como de facto era, uma família unida e próspera.

As ordens imperiosas e ásperas criam a desarmonia na patrulha.

É assim, jovialmente, que o Guia dirige a patrulha.

E tudo sem ordens imperiosas e ásperas; antes conseguiam tudo pelo seu exemplo de dedicação e ordem.

Excepcionalmente, visto que só depois de ser escoteiro se faz parte de uma patrulha e tu ainda eras **Aspirante**, foste autorizado a assistir a uma reunião e tiveste ocasião de assistir à escolha do guia

Estavam todos com aspecto de quem tinha um assunto muito importante a resolver. Era o **Conselho de Patrulha.** Conversavam, trocando entre si impressões acerca das vantagens ou inconvenientes da escolha deste ou daquele, até que um, que parecia o presidente, ergueu a voz, expôs em poucas palavras a situação da patrulha e disse:

— Vamos proceder à eleição do Guia da nossa patrulha. Cada um escreverá num destes papéis o nome daquele que julga mais competente para ser o nosso guia. Dobra o papel e deita-o dentro deste chapéu.

O Conselho de Patrulha.

Assim se fez e, daí a uns minutos, o mesmo, que parecia presidir à reunião, leu os nomes escritos nos papéis; deu-os a conferir aos outros, escreveu uns apontamentos num caderno e declarou: o João teve 7 votos, o Pedro teve 1. Está, portanto, eleito guia da Patrulha Águia o escoteiro João.

Da patrulha Águia! Mas que vem a ser isto de se chamar «Águia» a um agrupamento de rapazes?

— Isso é um costume dos escoteiros, — disse-te logo do lado um que tinha a camisa com muitos distintivos e, por isso mesmo, parecia ser dos mais antigos e sabedores. «É que — continuou ele — nós damos geralmente às patrulhas o nome de um animal. Escolhemos, é claro, aqueles com que mais simpatizamos.

«Nós preferimos a Águia É um bicho simpático. Muito forte, a mais forte de todas as aves. É capaz de levar um cordeiro pelos ares, pendurado nas garras, com a mesma facilidade com que um passarito transporta uma palha para o seu ninho.

Era permitido aos guias e aos subguias emitirem livremente as suas opiniões.

O chefe orientava o Grupo de acordo com essas opiniões, salvo se lhes faltava sensatez. Algumas vezes aconteceia, embora raramente, reunir o Conselho de Guias especialmente para apreciar a conduta de um escoteiro que não procedia de acordo com a nossa Lei.

Quando assim era, adoptava a designação de Tribunal de Honra e só tomavam parte na reunião o chefe, os seus ajudantes e os guias das patrulhas, além do acusado, se ele desejava estar presente.

O Conselho de Guias.

Uma nota importante. Os guias, compreendendo perfeitamente a alta responsabilidade que lhes estava atribuida, tinham sempre um particular cuidado na forma como conduziam e apresentavam os assuntos no Conselho de Guias, evitando perder tempo com assuntos de menos valor ou com discussões que não tivessem um objectivo de nítido interesse para o Grupo em geral, ou para a sua patrulha em especial.

* * *

Das tuas observações concluiste que cada escoteiro era um elemento da patrulha e que está, juntamente com outras, formavam outro organismo maior e mais importante — o Grupo —.

Além dos exercícios físicos que todos devemos fazer sob a orientação de um professor especializado, podemos cuidar diàriamente do nosso aparelho respiratório, não só por meio de movimentos tonicos realizados a determinada hora do dia — convém ao levantar — como por meio de correcta atitude corporal durante as nossas actividades.

Todos sabem que se respira para se incorporar no sangue o oxigénio extraído do ar e para expelir do organismo alguns produtos nocivos que nele se formam, nomeadamente o anidrido carbónico.

A respiração faz-se pelo aparelho respiratório, constituido pela boca, fossas nasais, laringe, traqueia, brônquios, bronquíolos e pulmões. A respiração, apesar da boca fazer parte do aparelho respiratório, deve ser feita pelas fossas nasais, pois nelas se encontram pêlos que impedem a passagem de poeiras e muitos microrganismos prejudiciais à nossa saúde. Além destas vantagens, há ainda a considerar o aquecimento do ar que nelas se efectua no acto da inspiração, evitando assim resfriamentos na garganta.

O ar percorre o aparelho respiratório até aos bronquíolos, canais de pequenissimo diâmetro que se espalham pelos pulmões. O sangue, transportando produtos que o organismo necessita eliminar por serem prejudiciais, vai até aos pulmões. Nestes orgãos se efectua a troca dos produtos nocivos pelo oxigénio necessário à vida.

Se o oxigénio é indispensável à vida e o anidrido carbónico lhe é prejudicial, se a entrada do primeiro é feita através das vias respiratórias e por elas se faz também a saída do segundo, compreende-se fàcilmente o grande valor que tem para a saúde saber respirar convenientemente. A aprendizagem é, aliás, fácil e uma vez sabido como deve fazer-se, simples é ao escoteiro, cuidadoso da sua saúde, criar o hábito de respirar bem.

Para começar a aprender, o corpo deve estar deitado em apoio dorsal, os braços estendidos ao longo do corpo, com as palmas da mão viradas para o céu e os joelhos fletidos e unidos e os pés ligeiramente afastados. A respiração deve ser feita sem elevação do abdómen.

Se não se está ao ar livre, deve pelo menos o ar entrar livremente pelas janelas abertas.

Inspira-se profundamente, alargando quanto possível as narinas, de forma que o ar entre com facilidade e passe através dos pêlos que revestem as fossas nasais e cuja função é reter as poeiras evitando a sua entrada até aos pulmões.

Terminado o primeiro movimento (**inspiração**), faz-se uma ligeira paragem, cujo fim é o de permitir que o ar, transportando o oxigénio, chegue até aos alvéolos pulmonares, pequenos sacos com que terminam os brônquios.

Segue-se a **expiração**, que deve ser lenta e até ao limite do movimento torácico.

As poeiras retidas no nariz — apesar de algumas serem expelidas pela corrente de ar proveniente dos pulmões — devem ser frequentemente retiradas com o auxílio do lenço e de água, por meio de lavagens.

Depois, após ligeira paragem, novos movimentos de inspiração e expiração, e assim sucessivamente.

Normalmente fazem-se 16 a 18 inspirações e expirações por minuto, mas nos exercícios deve diminuir-se esse número para cerca de 10 a 12 movimentos, cada um dos quais com a seguinte decomposição média:

Inspiração — 3 segundos
Pausa — $^1/_2$ segundo
Expiração — $1^1/_2$ segundo
Pausa — $^1/_2$ segundo

Quando o escoteiro souber fazer bem os movimentos que ficaram explicados é então ocasião de passar a associar-lhes movimentos adequados de braços, com o fim de:

1.º Alargar a caixa torácica (cavidade onde se alojam os pulmões e o coração) permitindo a entrada de ar ainda mais profundamente.

2.º Desenvolver os músculos que intervêm na respiração. Estes exercícios devem ser feitos de pé, tendo sempre o cuidado de manter o tronco tal como se habituou na aprendizagem feita na posição deitado dorsal, e constam de elevação lateral de braços, elevação lateral superior de braços (na posição superior os braços devem ficar em posição oblíqua), elevação anterior e afastamento lateral de braços, oscilação antero-posterior de braços seguida de circulações, etc.

4 — Organização dos Escoteiros adentro de um Grupo

No grupo onde és escoteiro, tudo quanto se faz obedece a uma razão determinada. Tudo está previsto. Todos sabem os direitos e deveres que lhes pertencem. Há leis pelas quais se regulam os actos da vida escotista. Dentro do teu Grupo há organismos destinados a estabelecer essas leis, outros cujo fim é executá-las e outros a quem compete julgar a conduta dos escoteiros. Quer dizer, o teu Grupo está perfeitamente organizado.

A PATRULHA

Assim que tu foste admitido no Grupo, logo começaste a verificar que os escoteiros dentro do mesmo se encontravam divididos em pequenos agrupamentos constituídos por um máximo de oito rapazes, todos aproximadamente da tua idade. Cada um destes agrupamentos é uma Patrulha. O grupo é o conjunto das suas patrulhas. Cada uma delas toma parte na vida mais importante do grupo e tem os seus deveres para com ele.

Verificaste também que dentro da Patrulha as coisas não corriam ao acaso e que cada um dos escoteiros, longe de aproveitar a liberdade para fazer *diabruras*, tinha, pelo contrário, uma missão a cumprir e voluntàriamente se esforçava no interesse de todos.

Não tardou que notasses que um dos escoteiros tinha sido escolhido pelos restantes para os governar, e que esse, a quem chamavam **Guia**, escolhera um outro — o **Subguia** — para o coadjuvar e substituir na sua ausência.

A Patrulha reunia todas as semanas e pudeste observar que estes pormenores de organização eram tomados muito a sério por todos.

Se algum faltava ao cumprimento de qualquer dever, logo os companheiros, com boas maneiras, o aconselhavam fazendo-lhe ver os inconvenientes que poderiam advir da repetição do acto.

Quanto ao guia e subguia não havia dúvida que tomavam o seu papel muito a sério.

«Além disso anda sempre pelo alto. Lá nos cumes das montanhas é que constrói os ninhos e cria os filhos. E se ela gosta tanto das alturas e dos grandes horizontes é porque, com certeza, tem também pensamentos muito grandes e elevados».

.....

O escoteiro teu informador não teve tempo, na primeira reunião, de te dar uma ideia completa da organização da patrulha e do Grupo.

Tu próprio tiveste oportunidade de reparar que cada Guia de Patrulha usava na sua vara uma bandeirola com a silhueta do animal por que se designava. Neste caso a «Águia».

Os escoteiros de cada patrulha distinguiam-se pelas cores de umas fitas que usavam no ombro esquerdo. A cada animal corresponde as suas cores.

As patrulhas usavam entre si, como sinal, um grito emitando o respectivo bicho.

O carro é o trabalho da Patrulha.

A «Águia» era um grito muito agudo, soando «Cri». Cada patrulha tinha ainda um lema. O lema da «Águia» era *sempre mais alto e mais além*.

Uma das coisas que mais prenderam a tua atenção foram os registos de Patrulha.

Os relatórios de todas as actividades, o resumo das deliberações importantes tomadas nas reuniões, o inventário do material, a escrituração da receita e da despesa, as notas biográficas dos escoteiros, tudo isto estava cuidadosamente registado num bonito livro, elaborado por diferentes escoteiros.

Cada escoteiro tinha uma função determinada. Um era o **tesoureiro**, outro o **secretário**, outro o **arquivista** e ainda outro o **guarda do material**. Cada um destes estava encarregado de tudo quanto respeitava às suas funções e anotava no livro da patrulha os competentes registos.

Secretário, Tesoureiro, Arquivista e Guarda de Material.

A cada cargo correspondia o seu distintivo que o escoteiro usava no bolso direito, conforme o modelo que encontras na gravura.

O guia, além da bandeirola que usava na vara, usava também duas fitas verdes no bolso esquerdo e o subguia uma fita da mesma cor. A estas fitas davam os escoteiros o nome curioso de «pescadinhas».

O CONSELHO DE GUIAS

Os guias e os subguias, como representantes das suas patrulhas, constituíam um Conselho que auxiliava o Chefe na direcção do Grupo.

Este Conselho reunia frequentemente e estava incumbido da organização dos planos de actividade, provimento dos diferentes cargos e, em geral, de toda a administração do Grupo.